

## **Que desafios depois da JMJ?**

No dia 12 de setembro de 2023, aconteceu o Encontro Nacional dos Formadores dos Seminários de Portugal, através de videoconferência Zoom, que teve como tema e objetivo a resposta à pergunta “Que desafios para as vocações presbiterais depois da JMJ?”.

Na parte da manhã, ouvimos o Cónego Nuno Amador, formador do Patriarcado de Lisboa, que nos guiou por uma revisitação da experiência da JMJ que aconteceu em agosto de 2023, lembrando os principais objetivos da JMJ, a partir de uma memória cheia de significado capaz de fazer narrativa, e apontando-nos para a missão sem a qual não há vocação, aceitando o convite do Santo Padre a “surfarmos na onda”, através de uma pastoral juvenil/vocacional/universitária realizada “com” os jovens e a partir da escuta.

Aquele orador, que fez parte do Comité Organizador Local da JMJ, deixou interpelações e provocações para o diálogo entre os elementos das equipas formadoras, que se sintetizam nas seguintes perguntas, decorrentes dos objetivos pastorais da JMJ:

- Somos capazes de acompanhar? Temos tempo e disponibilidade para acompanhar? Como formar pessoas para acompanhar os processos vocacionais? Será possível uma escola para acompanhantes?
- Se “não há vocação sem missão” (Papa Francisco), como ajudar os jovens a fazer e a ler a experiência complementar da *dyaconia* e da *martyria*? Como podem os casas de formação ou seminários proporcionar mais esta experiência, como casas abertas à comunidade? Como ajudar os jovens (e toda a comunidade eclesial) a crescer no amor às vocações específicas de consagração, aos seminários e à vocação presbiteral?
- Como dar continuidade aos processos e dinamismos criados no envolvimento da JMJ, de forma a que todos se sintam parte de uma cultura vocacional? Como desafiar as famílias a serem lugares vocacionais, no despertar e no acompanhamento da vocação? Que papel para as nossas casas de formação nestas provocações? Como envolver o clero e os consagrados nestas provocações?

**Que desafios depois da JMJ?  
Dez desafios na forma de decálogo**

**Dez desafios na forma de decálogo**

Decorrente do diálogo entre os formadores das equipas dos pré-seminários, anos propedêuticos, seminários menores e maiores — muitos deles também envolvidos na pastoral juvenil e vocacional das suas dioceses — da parte da tarde fez-se um plenário, do qual se apresenta a seguinte síntese de respostas. Reagrupam-se os contributos em dez desafios na forma de “decálogo”:

- 1) O primeiro desafio é “**estar em saída**”. Como sair da bolha de entusiasmo da JMJ para fazer com que essas experiências intensas que lá aconteceram possam ecoar no quotidiano e ser acolhidas na missão da Igreja? Uma certeza já temos: isso implicará sempre caminhar *com* os jovens e não meramente idealizar e realizar atividades para eles. Seria importante, nesta fase, recuperar os jovens que participaram na JMJ em alguns encontros. Jovens e não só jovens, também as comunidades que se mobilizaram para o acolhimento de jovens que vieram de outros países. Muitas pessoas que colaboraram no acolhimento, apesar de algumas estarem afastadas da vivência cristã, estarão à espera de que se voltem a proporcionar oportunidades de encontro. O sentido de pertença comunitário é, como sabemos, fundamental à sementeira e incremento de caminhos vocacionais. “Estar em saída” livra-nos da tendência de estarmos sempre à espera de que nos enviem candidatos.
  
- 2) O segundo desafio é o da **escuta** que leve a um verdadeiro conhecimento dos jovens concretos, respondendo às questões: quem são e onde se encontram os jovens hoje? Já percebemos que não é nos sítios de há uns anos atrás. Como ir à realidade concreta desses jovens de que falamos? Que meios ter em conta para proporcionar a capacidade dos jovens se expressarem, de modo que isso dê início ou dê andamento um processo vocacional? O sentido da escuta é urgente. Que meios para que se possa proporcionar a escuta? Como podemos fazer uma releitura espiritual do que é vivido da JMJ e de cada processo vocacional? Concordamos com a ideia da necessidade de escutar os jovens que participaram na JMJ, para vermos quais são as necessidades que manifestam para o progresso na fé cristã. Hoje a pastoral vocacional precisa de passar por uma escuta recíproca, num encontro de um “eu” com um “tu” na sua verdade e na sua história. É com essa escuta recíproca que poderemos fazer o

**Que desafios depois da JMJ?  
Dez desafios na forma de decálogo**

despertar das vocações inerentes à nossa identidade batismal. Uma pastoral vocacional centrada nesta escuta parece ser uma ideia fundamental.

3) O desafio do **acompanhamento**. O acompanhamento deverá passar por não estarmos à espera de que venham ter connosco, mas com a capacidade de ir ao seu encontro para lhes proporcionarmos o encontro com Cristo. Cada vez mais vemos o acompanhamento personalizado como imprescindível para a revitalização da Igreja em relação aos jovens. Como criar redes juvenis onde se vive este processo vocacional muito antes de se despoletar o processo de discernimento para uma vocação específica, sem o descartar de etapas e conteúdos que leva, por vezes, a um certo proselitismo vocacional? É preciso perceber que tipo de acompanhamento se espera: De reação? De recrutamento? Ou de levar a pessoa a fazer o caminho da descoberta de si, de se sentir amado e, por isso, também chamado? Achamos de grande interesse a ideia de prestar o serviço de acompanhamento aos jovens que manifestem esse desejo. É verdade que não é qualquer pessoa que pode fazer esse trabalho, requer uma sensibilidade e preparação específica. Mas também é verdade que já existem nas dioceses bastantes pessoas que podiam fazê-lo. Isto requer muita dedicação, tempo, continuidade, etc. Quem está disposto a "sacrificar-se"? Com certeza, é questão de dar prioridade ao que é mais importante e isto é muito importante nos momentos que estamos a viver. A importância do acompanhamento personalizado, face ao peso do grupo. O acompanhamento personalizado é mais difícil, havendo mais demissão em relação ao mesmo.

3

4) Outro desafio é como pensamos os nossos **espaços**, as nossas casas de formação, os nossos seminários? Os "cofres fortes" de ontem? Ou como casas abertas, quer para acolher jovens para fazerem a experiência de vida comunitária, ainda que esporádica, como aconteceu no acolhimento de grupos na JMJ, quer para sair ao encontro das realidades onde os jovens se encontram. Como casas de acolhimento e discernimento, por um lado; como "autocaravanas" que levem de uma forma criativa o evangelho da vocação. As casas de formação surgem, depois, como casas abertas, para acolher quem chega para uma experiência vocacional que surge numa continuidade e concretização do esforço ou dinamismo que se iniciou noutros encontros. Tudo isto motiva a sentir um seminário ou uma casa de formação como que num movimento "cardíaco": por um lado estamos abertos a

**Que desafios depois da JMJ?  
Dez desafios na forma de decálogo**

acolher e, por outro, disponíveis a sair ao encontro dos jovens. Um Seminário missionário, mais aberto, que queremos com um perfil ou arquitetura pronta a ser sempre andaime que corresponda a uma nova sociedade e a uma mudança de paradigma. No fundo, fazer das nossas casas lares como as “famílias de acolhimento” onde os seus elementos acolhem que chega para jantar, descansar e tomar o pequeno-almoço e, depois, saem para trabalhar, lançando as redes... ou deixando-se “pescar”.

- 5) Outro desafio é o dos **modelos** da vocação. Trabalhar mais e melhor a vocação batismal, para que a partir desta se descubram todas as outras. A partir da escuta podem aparecer novas orientações e outras sugestões para outros tipos de atividades que renovem os modelos habituais na pastoral juvenil. Todos admitimos que para suscitar e forma qualquer vocação um ponto capital são os modelos. Uma grande maioria dos jovens, ainda que manifestem o gosto de ser cristãos, porém não aparecem nas igrejas, nem nos círculos paroquias. Os jovens, portanto, não conhecem de perto padres concretos. A ideia de padre para muitos é o estereótipo que vende a sociedade, também maculado pelos escândalos. É um ponto para pensar: onde e como pode o padre dar-se a conhecer aos jovens? Onde e como os religiosos se podem dar a conhecer? Como é que a vocação matrimonial se pode dar melhor a conhecer? Como partilhar testemunhos significativos? (Muitos jovens preferiram ficar nelas durante a JMJ; talvez isso seja significativo para o conhecimento da vocação ao matrimónio e à família.)
- 6) Outro desafio é o da **linguagem**. É preciso cuidar a linguagem que utilizamos com todos os cristãos, mas de modo particular com os jovens que, fruto da sua época, têm uma linguagem muito própria, à qual não estamos habituados e à qual nem sempre condescendemos. A mudança de paradigma que vivemos na sociedade atual, é um facto: precisamos de continuar a propor a pessoa de Cristo e do encontro com Ele com uma linguagem ajustada para que os jovens possam compreender a sua mensagem e colocar a questão vocacional diante da sua Pessoa, como nas histórias vocacionais (bíblicas e outras) que conhecemos. Do tipo de linguagem depende a possibilidade da desmistificação das realidades e conteúdos vocacionais. A experiência do Apóstolo Paulo pode ajudar-nos, na medida em que ele chamou sempre colaboradores na sua missão de espalhar a Boa Nova fora de portas. Criando comunidades novas. Mudar ou

**Que desafios depois da JMJ?  
Dez desafios na forma de decálogo**

mudar a linguagem sem desvirtuar o Evangelho. Pode acontecer, também, que se não melhoramos a linguagem o Evangelho fica fora do “candelabro”.

- 7) Outro desafio é recuperar a prática do **empenho sinodal** na pastoral das vocações, na relação com todas as outras dimensões da pastoral. Como pensar, a este nível, a pastoral mais com processo do que como pastoral de setores? Todos concordamos no grande valor das experiências intensas por parte dos jovens, como na JMJ, e da continuidade que precisam para aproveitar as ditas experiências e poder progredir na maturidade da fé. Que esforços reunir e a partir de que setores da pastoral da Igreja, para que a riqueza das experiências feitas não se perca? Para não sofrermos a “síndrome do teleférico”: de monte em monte sem fazermos a experiência dos vales. Porque todo o chamamento pelo próprio nome implica a descida aos “sítios planos” onde a vocação se encontra com a missão junto dos destinatários da mesma (cf. Lc 6,12-19). Para além de setores e secretariados, também os movimentos em geral, em maior ou menor medida, podem dar uma certa continuidade. Outra coisa são as paróquias onde faltam por vezes estruturas mínimas. Achamos que poderia ser importante, neste sentido, que em algumas paróquias ou talvez melhor a nível diocesano, se oferecessem itinerários de formação cristã que integrem vida fraterna, oração e missão. Cientes de que estes grupos podem ser mínimos, de poucos membros, e que exigirão fidelidade no tempo, muita dedicação e muita paciência. E nesta nossa Igreja, em que todos andamos tão ocupados, quem seria capaz de assumir estes desafios? Exemplo: um programa de criação de pequenos grupos de formação cristã, abertos a todo o tipo de pessoas, de distintas idades e procedências, incluídos os não crentes, e pensando especialmente nos jovens, não em grupos fechados só neles, mas fazendo a sua caminhada com adultos. Há já quem tenha um programa elaborado e é lindo. Há que ter a ousadia de começar. No âmbito pastoral, numa lógica ampla de todos os setores da pastoral, é preciso desenvolver resposta a uma necessidade: uma visão mais integral e mais ampla do despertar para os lugares vocacionais propostos pela JMJ: as famílias, os voluntários – lugares onde podemos e devemos atuar uma pastoral vocacional com a ideia forte da escuta recíproca. Como foi difícil trabalhar na pastoral vocacional no ano passado porque toda a gente só trabalhou na preparação da JMJ. É difícil juntar uma coisa e outra, como se um desafio e outro fossem incompatíveis. Como se na preparação de um evento se pensasse só nos jovens (dimensão etária) e depois da JMJ

**Que desafios depois da JMJ?  
Dez desafios na forma de decálogo**

fôssemos recolher os frutos da pastoral vocacional. Esperamos e rezamos para que sim. Há dificuldades em fazermos uma pastoral de conjunto, indo ao encontro dos jovens onde eles estão e escutá-los como eles são, não só ou majoritariamente dentro da Igreja. A pastoral de conjunto é urgente: entre agentes pastorais diocesanos e entre pessoas chamadas desde os vários institutos de vida consagrada. O sonho de que haja mais pastoral de conjunto, entre as dioceses e dentro das próprias dioceses, e entre as instituições carismáticas e vocacionais. Todos andamos a preparar coisas de grande sentido vocacional e a cansarmo-nos todos para não chegarmos a todos os jovens. Ou para que os jovens não encontrem sentido vocacional no nosso cansaço, na forma como nos cansamos.

- 8) O desafio da **formação**. Muitos falam do desejo de que haja animadores vocacionais nas comunidades, não entendidos como um ministério à parte, mas de uma dimensão do ser pai, mãe, educador, professor, catequista, padre, religioso, quer dizer, dos chamados que têm a consciência de ser e atuar como “chamantes”. Mas isto é muito raro! “É preciso animar os animadores”: foi este o primeiro *post-it* que apareceu num moral dentro de uma jornada de pastoral juvenil em Portugal, há alguns anos atrás, para quebrar o gelo da apatia na expressão dos animadores. Igreja significa comunidade de chamados. E este aspeto é de sublinhar. Todos somos chamados. A questão vocacional é transversal à pastoral. Mas como fazer que esta convicção seja atrativa? A escuta dos jovens também não escusa a escuta sinodal dos agentes pastorais a respeito das vocações, uma vez que este, por vezes, parece ser um tema “tabu” na animação juvenil. Os agentes pastorais precisam de estar todos sintonizados sobre a gramática da vocação quer no saber perscrutar a vontade de Deus, quer no saber atender as sedes dos jovens. Para percebermos melhor que sementes Deus lançou à terra e procurarmos ajudar que pedras tirar da vida dos jovens para que essas sementes possam germinar. Quantos veem a vida batismal como vida vocacional? A formação e prática dos ministérios laicais podem, também, despoletar caminhos de escuta, de crescimento e de decisão vocacional. Como se lê nos Atos dos Apóstolos, “Cristo a uns constituiu Apóstolos, a outros profetas, a outros evangelistas e a outros pastores e mestres, para o aperfeiçoamento dos cristãos em ordem ao trabalho do ministério, para a edificação do Corpo de Cristo até que todos cheguemos à unidade da fé e do conhecimento...” (Efésios 4,11ss).

6

**Que desafios depois da JMJ?  
Dez desafios na forma de decálogo**

Há, já, dioceses que estão a apostar na formação de agentes para o acompanhamento dos jovens.

9) O desafio da promoção das vocações como **provocação**. Pode acontecer com o acolhimento da vocação sacerdotal o que aconteceu com o acolhimento de jovens estrangeiros em Portugal: o medo e o preconceito de algumas famílias. Depois, as famílias que se atreveram em acolher aperceberam-se do extraordinário que é acolher jovens alegres na diversidade de culturas e línguas, e na convivência da mesma fé em Jesus Cristo. Há muito desconhecimento do que é vida dos padres e religiosos por causa dos estereótipos provocados pela cultura vigente e, também, pelos escândalos. Neste contexto, não ter medo de propor a vocação a partir do próprio testemunho de vida: no estômago de quem escuta os testemunhos pode parecer, como a Palavra, algo amargo, mas poderá acontecer que da sua “digestão” paciente possa vir a brotar nos lábios aquele “sim” doce para os ouvidos de quem espera profetas e pastores.

10) Realçar a dimensão da **diaconia** na Igreja. Sem os voluntários, a JMJ não teria sido possível. Não é por acaso que o Santo Padre se reúne no final do programa de uma JMJ com todos os voluntários. Jesus diz que “os últimos serão os primeiros...”. De facto, eles serão os primeiros a ser chamados para realizar a próxima JMJ na Coreia do Sul. Num tempo em que, falando de Portugal, os voluntários permanentes na sociedade têm mais de 35 anos de idade, como média, é preciso convidar os jovens e incluí-los em oportunidades mais frequentes e até permanentes de serviço aos mais pobres e fragilizados. Não se pode pensar a vocação que não seja por esta porta. O ser enviado para uma tarefa pequena e esporádica poderá ser semente e prova para se ser enviado para uma tarefa grande e permanente. O que o mundo precisa de ver é o poder sagrado que está no serviço — gratuito e livre — que brota do seguimento de Jesus Cristo.

7